

ARTE DE LER / NARRAR HISTÓRIAS NA ESCOLA: OS LIMITES DA FORMAÇÃO DOCENTE PARA UMA PRÁTICA AINDA INCIPIENTE

Ana Teresa Teixeira Nunes, UNIUBE
attnunes@uol.com.br

Otaviano José Pereira, UNIUBE
otaviano.pereira@uniube.br

Introdução

Esta pesquisa atinge experiências educacionais significativas no que tange ao repertório específico do professor, contador de histórias, em sua formação inicial e continuada, verificando-se em sua prática as lacunas deixadas pelos currículos acadêmicos e sua relação direta com o espaço pedagógico em que a arte de ler / narrar histórias ocupou no ensino fundamental.

Ao desenvolver a presente pesquisa, buscou-se pautá-la em algumas assertivas em relação ao currículo; às experiências educacionais oferecidas para alcançar propósitos na prática de ler / narrar; ao espaço pedagógico que norteia tal prática; aos procedimentos que envolvem o perfil do professor dentro das instituições de ensino fundamental, conciliando a integração das propostas institucionais à arte de ler / narrar histórias.

Esta investigação ocupa o cenário universitário onde se constitui a formação docente, os cursos de formação continuada de professores, as escolas de ensino fundamental, públicas ou particulares. Compreende-se, pois que outros e novos caminhos estão surgindo neste campo, porém, notadamente a sala de aula, as bibliotecas escolares ganham destaque neste seguimento.

A Situação Do Contador De Histórias No Espaço Escolar

A pesquisa revelou o perfil do contador de histórias, professor em constante formação, que se destaca na comunidade escolar, que promove o encontro da literatura com a vida em diálogos constantes. Evidenciou-se a profissionalidade como fator da consciência do trabalho, sem desperdiçar o significado da ação do professor. Colocou-se em evidência o professor que trabalha com a arte e não o

artista de “palcos” como elemento relevante da pesquisa. Betty Coelho evidencia a naturalidade desse contador de histórias, quando diz:

Eu diria ainda que um bom contador de histórias não pode proceder como se estivesse num palco, representando. (COELHO, Betty, 1991, p. 50)

O que caracteriza a espontaneidade do educador sem “fantasias”, como no teatro, mas na sala de aula em que o livro bem lido, um texto narrado com emoção e um professor entusiasmado compõem o painel de uma das artes em educação. Entendida a arte como expressão máxima de interpretação, criatividade e atividade do professor, Cavalcanti reafirma tal reflexão quando diz:

Evidentemente, é na escola que o resgate do contador de histórias tem surgido com mais força, visto que cada vez mais o espaço escolar tem sido utilizado para a experiência lúdica e afetiva. Assim, muitos professores têm-se tornado contador de histórias. (CAVALCANTI, 2002, p. 73)

O fato de a criação literária para crianças e jovens estar tão intimamente ligada às diretrizes educacionais, leva-nos a registrar que, entre as hipóteses levantadas acerca das possíveis causas da formação do professor, está o distanciamento entre os desafios que deve enfrentar em sua prática cotidiana, com sua formação para a arte de ler/narrar histórias que se coloca na própria limitação do currículo escolar. Currículo que tem considerado a contação de histórias apenas como simples conteúdo, não ocupando seu verdadeiro valor de destaque no espaço escolar.

Arte De Ler / Narrar E Suas Fronteiras

Tanto na formação, desde a proposta curricular e os projetos político-pedagógicos, como na prática, a arte de ler/narrar ainda enfrenta uma herança negativa por ser considerada um conteúdo apenas complementar, coadjuvante, de entretenimento, ao invés de ser emancipador da criança e do jovem.

Sensível à necessidade de revalorização da arte de ler e narrar, usando como base o livro para mediar a cultura e o estímulo à criatividade, a Lei de Diretrizes e Bases (reformulada em 1971 pela Lei nº. 5.692, Parecer nº. 853) enfatiza a importância da leitura de textos literários e da educação artística como

matéria de currículo.

Um dos sintomas dessa tendência é o crescente número de Oficinas Literárias, Laboratórios de Criatividade, Programas Escolas Bibliotecas, Escolinhas de Arte, Oficinas de Contação de Histórias, etc., que, desde meados dos anos 70, vêm sendo instalados em Universidades, Bibliotecas Públicas, Escolas e Fundações Culturais em vários Estados, e abertos às crianças, jovens e professores.

A quebra de fronteiras entre o convencional e a consciência do fazer literário deu espaço à arte de ler/narrar como um dos primeiros estímulos à leitura e a escrita considerando a criatividade como foco e sua relação vital como fonte à relação interdisciplinar. Por isso, hoje, há uma forte tendência em se trabalhar a arte de ler/narrar nos cursos de formação para professores no campo da Pedagogia, da Psicologia, da Filosofia, de Letras, da Psicanálise, entre tantos outros espaços de formação de promotores da arte de contar histórias.

Certamente a confiança na força de expressão criativa da palavra literária que permite ao narrador / contador de histórias, o tom bem-humorado, agilidade no falar e certo espírito lúdico, de aparente irreflexão, o aproxima do comportamento livre dos jovens e das crianças, exatamente por estarem descomprometidos com o preestabelecido pelo sistema vigente e limitante ao espírito criador livre, não emancipador.

Trabalhando a idéia de que o saber é social e institui a articulação entre os aspectos sociais e individuais, sem dúvida o ponto crucial desta questão se pauta pela dimensão da formação dos professores que partilham com o grupo da instituição escolar com quem trabalham a representação de sua prática, no cotidiano escolar.

O Que As Narrativas Revelam

Desde os primórdios da humanidade, contar histórias é uma atividade privilegiada na transmissão de conhecimentos e valores humanos. Uma atividade tão simples, mas que pode representar um momento excepcional na formação das crianças e jovens.

O estudo e a discussão em torno da adequação e da validade da narrativa para crianças e jovens vêm perdurando de geração a geração de professores,

psicólogos, psicanalistas, especialistas em educação, como também entre artistas que trabalham com espetáculos infanto-juvenis. Porém, todos concordam sobre sua importância e sua atuação decisiva na formação e no desenvolvimento do psiquismo humano.

A ficção objetiva os fatos e as verdades que não podem ser expressos pela razão e que não são identificados pela lógica. É assim que se dá a relação dos contos com a arte de ler e narrar no mundo da fantasia, do encantamento com a obra escrita ou e até com a sua forte relação folclórica. Os acontecimentos objetivos da vida da humanidade são a nossa história. Os acontecimentos subjetivos e suas vivências interiores criam as histórias. A história fala-nos dos acontecimentos conhecidos da realidade externa, o desenrolar dos fatos que foram sendo registrados nas comunidades e que explicam, em parte, como se efetivaram as realizações culturais dos grupos humanos, como se estabeleceram os grupos étnicos, como se definiram as nações. As histórias nos falam da realidade interior na construção das nossas culturas, de como se constituíram as estruturas psicológicas das pessoas e dos grupos humanos.

A arte de ler/narrar faz parte do folclore, dos mitos, das lendas, dos contos de fadas que se apresentam como a maneira mais significativa que a humanidade encontrou para expressar aquelas experiências que não encontram condições de serem explicadas no esquema lógico-formal da narrativa intencionalmente objetiva. O que importa aqui é referendar a arte de ler/narrar no desenvolvimento intelectual e emocional das crianças e jovens e, principalmente, para as pessoas que trabalham com educação, responsáveis pela formação integral do ser humano.

Arte De Ler / Narrar Histórias: Desafio Ao Currículo Escolar

Sem dúvida, o ato de ler/narrar histórias, em plena era do progresso tecnológico da velocidade dos multimeios de comunicação e do império das imagens não foram nem estão sendo superados mas ampliados à sua dimensão atemporal, considerando a força da sabedoria ancestral que ainda vem constituindo o imaginário e o inconsciente coletivo da humanidade em contínua evolução.

Partindo do desafio com que educadores e formadores em educação

enfrentam diante dessa tão tradicional prática de ler/narrar, propomos: sua reflexão diante da concepção atribuída ao currículo que constitui as experiências de aprendizagem vivenciadas pela escola; ênfase posta em 'o que aprender', ou seja, no conteúdo a ser trabalhado na escola e no interesse dos educadores que está voltado para a forma como o currículo deve ser organizado, definindo as experiências mais significativas a serem desenvolvidas pela escola. Essas duas orientações representam apenas diferentes ênfases dadas a esses aspectos que se apresentam, geralmente, interligados. São tendências que marcaram o campo do currículo desde sua origem e permanecem até nossos dias. As pesquisas mostram, ainda, que o que é ensinado nas escolas é selecionado dentro de um universo amplo de possibilidades. No interior da cultura encontra-se o conhecimento científico, o conhecimento artístico e literário, o conhecimento do senso comum, enfim, diferentes formas de saberes e fazeres. Por que, nesse conjunto de possibilidades, a escola privilegia determinados tipos de conhecimento em detrimento de outros? Reconhecendo que o conhecimento escolar é resultado de um processo de seleção, é necessário, então, entender-se os critérios que orientam essas escolhas.

Perguntar sobre a arte de ler/narrar histórias na escola e que lugar ocupa, supõe perguntar como anda o currículo escolar e sua crítica hoje.

Assim, nosso estudo volta-se para a análise de como o currículo atua nos processos escolares. Investiga-se se ele facilita ou limita as possibilidades de desenvolvimento do pensamento crítico, do interesse dos alunos pelos diferentes aspectos da cultura. Tal discussão segue o caminho sobre a construção de uma proposta curricular que torne a escola realmente democrática, pela oferta de um ensino de qualidade.

No campo do ensino de diferentes disciplinas, tem-se verificado que os currículos baseados na mera transmissão do conhecimento têm obtido baixos resultados. Atualmente, influenciados pela Psicologia, pela Psicanálise e pela teoria das representações sociais, os estudos nesses campos têm - se preocupado com os processos de aquisição do conhecimento, considerando aspectos como concepções alternativas, senso comum, experiências pessoais e coletivas, emoções e desejos como elementos constituintes dos processos de aprendizagem. Além disso, tem-se discutido, no campo da produção do conhecimento escolar, a idéia de que a difusão, sobretudo pelos meios de

comunicação digitalizados, está levando ao desenvolvimento de novas capacidades mentais, cognitivas e afetivas.

Nesse contexto, é criticado, hoje, o chamado modelo linear de currículo, que prescreve uma trajetória de aprendizagem a partir de uma ordenação de conteúdos em uma seqüência definida como a melhor. Hoje, defende-se a idéia de que o currículo pode ser concebido a partir da metáfora da rede hipertextual, a qual estabelece um campo de conversação que oferece diferentes possibilidades e percursos de aprendizagem.

A organização disciplinar dos saberes escolares tem sido duramente criticada, uma vez que o currículo acaba por constituir um conjunto de conteúdos justapostos, trabalhando-se com o conhecimento de maneira fragmentária e pouco significativa para as crianças e adolescentes. Neste tipo de currículo, há pouco espaço para o desenvolvimento do espírito de iniciativa, do pensamento crítico, do gosto pela pesquisa e pela arte de se expressar criativamente.

É importante destacar que o currículo, como um campo de produção de significados, não apenas socializa os estudantes nos conhecimentos trabalhados nas diversas disciplinas, mas também forma personalidades, subjetividades e humaniza. É necessário considerar que os conteúdos e métodos de ensino nesse contexto são um grande desafio para o currículo porque supõe incluir experiências culturais diversificadas. A escola precisa selecionar temas relevantes articulados com as experiências das crianças e dos jovens, conectando-os com a vida e com a realidade social. É necessário que a escola esteja sempre acompanhando e analisando as transformações econômicas, sociais e culturais que vem ocorrendo na sociedade. Merecem destaque as novas tecnologias do texto, da imagem, do som em todos os aspectos da vida do estudante. Importante ainda é considerar a escola e sua relação com a cultura da informação para que a pedagogia se fortaleça nessa relação, garantindo processos de escolarização mais compatível com a realidade e com o jovem do mundo contemporâneo.

O currículo, assim construído, proporcionará aos estudantes contato com diferentes elementos da produção cultural humana, que implica a inclusão dos saberes práticos, da produção científica, dos produtos da mídia e da informática, dos filmes, das peças de teatro, das obras literárias, da arte de ler/narrar, bem como dos diferentes artefatos e da produção artística das mais diferentes culturas.

Para que o educador possa entender toda essa relação de um novo

currículo com arte de ler/narrar histórias, ele precisa vivenciar os desafios à sua formação docente motivados pelos valores sócio-culturais que a sociedade lhes impõe, percorrendo um universo literário cheio de caminhos que o ajudarão a desvelar suas múltiplas possibilidades em busca de outras propostas educacionais. Pensar os desafios postos ao educador diz respeito ao enfrentamento das questões cotidianas da educação e a compreensão da significação de ser e pensar a formação docente e toda sua relação com a prática educativa.

Contaçon De História: Novo Paradigma Desta Arte Milenar

O tema formação docente tornou-se polêmico entre estudiosos como Tardif, Contreras, Osorio Marques etc., constituindo-se o alvo da reestruturação da qualidade em educação. Tais discussões estão centradas numa abordagem dialógica, abrindo perspectivas a novos questionamentos que venham fundamentar a relação do professor com a sua prática sobre os aspectos teórico-metodológicos. Neste sentido o professor se depara com novos paradigmas relativos à escola democrática, qualidade de ensino, trabalho participativo, ação colegiada, inclusão, num espaço público que o desafia a uma atitude transformadora e a um pensamento mais reflexivo. Concepções progressistas fomentam a discussão dos currículos diversificados, do planejamento participativo, do processo de avaliação emancipatória e da construção do projeto político-pedagógico à realização de uma escola cidadã.

Dessa forma, não se pode deixar de considerar relevante dentro deste contexto a necessidade de se aprofundar os debates sobre a prática instituída e a reflexão da dicotomia teoria-prática, na atualidade, no sentido de merecer atenção, os esforços concentrados nos cursos de formação do educador e aos cursos de formação continuada dos formadores de professores.

Nessa perspectiva propõe-se a discussão dos aspectos teóricos que fundamentam a formação de professores, articulados à análise das concepções práticas sobre o desenvolvimento profissional docente e os desafios, à sua formação, no que se refere à arte de ler / narrar histórias.

É por isso que nosso espaço não podia ser outro, senão a sala de aula, o lugar em que o professor articula ações que transitam do pessoal ao social, por

ser este o espaço que agrega tanto o ato de ensinar, quanto o ato de aprender, onde se ampliam reflexões sobre a relação com a arte de ler / narrar histórias, tão primordial, porém com uma prática ainda incipiente.

Atualmente o problema da literatura infantil não está mais centralizado no pré- julgamento, no preconceito de uma disciplina menor, sem envolvimento com pesquisa, sem propostas de análises literárias sérias.

Já se superou o preconceito de que a literatura infantil é “menos literatura” ou “não é literatura” com possibilidades de estudos reflexivos, seja no campo das artes plásticas, gráficas, das comunicações e de outras áreas.

Agora o problema da literatura instaura-se sobretudo na relação intrínseca entre literatura e escola, no que ela tem a ver com educação. Paulino refere-se a este sentido quando diz: "O grande problema da literatura infantil, embora muita gente pense que não é problema, é o seguinte: a escola está dentro da literatura e não a literatura está dentro da escola". (PAULINO, 1994, p. 102).

Nesta direção têm seguido as reflexões em torno das edições e das disponibilidades de acervo nas escolas brasileiras e como expressão de arte que fala inapelavelmente de experiências humanas, seus sentimentos, suas vivências.

O trajeto da literatura dentro da escola, com certeza passa pelo interesse e vontade dos promotores de leitura que tem como foco inaugural a expressão da arte de ler / narrar histórias iluminados pelos professores contadores.

Os Impasses Verificados Nesta Prática

Mesmo considerando a emergência de uma pedagogia na prática e no currículo, a experiência da arte de narrar estará em vias de extinção.

A arte de ler / narrar histórias, nas escolas de ensino fundamental, privada e principalmente pública, não repercutiu como era de se esperar. Por mais que esta experiência atravessasse os tempos, num percurso ilimitado desde os primórdios aos dias atuais, têm se caracterizado como distanciamento desta prática as experiências do professor contador de histórias. A essa experiência, Benjamin comenta:

Uma experiência quase cotidiana nos impõe a exigência dessa distância e desse ângulo de observação. É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que

sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, p. 198-199)

Benjamin relata desaparecimento da arte de narrar pelo choque da modernidade que golpeia o homem e o priva da capacidade de integrar-se com sua própria tradição. A relação professor / contador de histórias, com a arte de ler / narrar esbarra nos limites de sua formação, bases de suas experiências para comunicar sua própria história, as histórias literárias vivenciadas pela sua formação leitora e de tantas outras histórias reconhecidas pela tradição oral. Daí a necessidade do investimento na formação e prática do currículo. **Problema:**

Narrar / Contar Histórias Não É “Coisa Séria”

A arte de ler / narrar histórias não ocupou os mesmos espaços que outras disciplinas alcançaram, faltando-lhe, vai de regra, um destaque pedagógico próprio na escola e por isso tais desafios estão postos à formação inicial e continuada do professor, por conviver com uma prática tão primordial, porém tão relegada a segundo plano nos programas de sua própria formação. Desde a capacitação, nas licenciaturas, as instituições de ensino superior, notadamente no curso de Letras, não determinam a exigência de uma prática do aluno universitário, futuro professor, na própria escola, que se fundamente na arte de ler / narrar. Dessa forma o aluno não traz resultados satisfatórios para o curso superior, o que lhe tira a possibilidade de discutir os próprios avanços e impasses desta prática.

A lacuna, nesta prática, desde sua formação inicial esvazia também a possibilidade de uma formação continuada e o educador / contador de histórias, acaba buscando, por si mesmo, informações diversas na área e esbarra na falta de percepção da significação de seu trabalho, desde a universidade até a escola, entre seus pares, incluindo a gestão escolar.

Existe, portanto, uma lacuna na formação do professor no sentido de não perceber a arte de ler / narrar histórias como parte integrante do plano curricular desde o Ensino Fundamental à formação acadêmica. Ainda há a idéia errônea de que o professor / contador de histórias precisa fazer um trabalho de

desdobramento, que não se exige de outros profissionais da educação ou de que tal trabalho esteja disperso a tal ponto de ter que se tornar voluntário para tal empreitada.

A perspectiva a que nos propomos refletir se coloca na questão do lugar pedagógico que de fato a arte de ler / narrar ocupa no espaço escolar, e do fato de a expressão literária e as tradições folclóricas estarem tão ligadas às diretrizes educacionais, porém ainda tão incipientes na prática do docente. O problema nos leva à hipótese de que é na formação do professor que se encontra a causa do distanciamento, verificado entre os desafios que deve enfrentar em sua prática cotidiana, com sua formação para a arte de ler / narrar histórias e, por conta disso, questiona-se a própria limitação do currículo escolar neste aspecto.

Algumas questões são relevantes para pensar a prática da leitura e da narrativa na formação do professor:

Pergunto: Não terá esse “definhamento da arte de narrar” ou esta “extinção da sabedoria”, profundas conseqüências sobre a educação, a escola e o trabalho do professor, na medida em que com a narrativa em extinção parece definhar o próprio sentido de educar, ensinar, aprender? Quem narra hoje na escola? O professor? O aluno? Ou ninguém? (KRAMER, p. 53)

Quando, nas estratégias de formação do professor, no campo das políticas públicas de formação, por exemplo, será considerado o fato de que os educadores precisam imprimir mudanças que convergem para a dimensão de suas experiências e práticas educativas realmente significativas? Haverá espaço para tal discussão?

A prática não é, ou não é somente, uma técnica derivada de um conhecimento sobre uma forma de lazer; não é só o exercício e a expressão de destrezas individuais, nem se circunscreve, exclusivamente, às salas de aula; ela vai além das ações dos professores e estudantes. Ela não pode ser compreendida, nem explicada, se ficarmos limitados à sua expressão atual, pois ela tem sua história, é cultura. Ela não é motivada ou dirigida somente, nem talvez, fundamentalmente, pelo conhecimento ou pela ciência; em sua complexidade, existem pressupostos, motivos que a dirigem e formas de fazer que são exclusivas dela, mas variados e nem sempre coerentes entre si. (SACRISTAN, p. 95)

Por que a arte de ler/narrar histórias, nas escolas de Ensino Fundamental, privada e principalmente pública, não ocupou os mesmos espaços das disciplinas

ditas “mais sérias”, como Matemática e Língua Portuguesa, entre outras? Por que o contador de histórias, num empenho insuficiente, de formação e prática nesta área, enfrenta uma espécie de “herança negativa” que torna seu trabalho disperso e voluntarioso e às vezes visto só para “ocupar o tempo dos alunos”? Por que o contador de histórias precisa, via de regra, fazer uma espécie de esforço suplementar de convencimento sobre a importância de seu trabalho, não exigido a outros profissionais da educação escolar?

Uma Lacuna Desde A Formação Inicial Do Professor / Contador De Histórias

Algumas hipóteses têm sido registradas na interpretação deste problema. Existe uma lacuna na formação do professor no sentido de não considerar a arte de ler/narrar histórias como parte integrante do plano curricular.

Desde sua formação, nas licenciaturas, as instituições de ensino superior, notadamente no curso de Letras, não determinam a exigência de uma prática do aluno universitário, futuro professor, na própria escola. Dessa forma o aluno não traz resultados satisfatórios para o curso superior, o que lhe tira a possibilidade de discutir os próprios avanços e impasses desta prática, como parte integrada e interdisciplinar ao currículo.

Esta situação impõe limitações à sua prática, desde sua formação inicial, e esvazia também a possibilidade de uma formação continuada, que passa a ser permanentemente reparadora de uma lacuna que vem desde a universidade. Assim sendo, o educador contador de histórias acaba buscando por si mesmo informações dispersas na área e esbarra na falta de percepção do significado pedagógico, formativo e humanista de seu trabalho entre seus pares, desde a universidade até a escola, incluindo a gestão escolar. Daí, o objetivo desta pesquisa: verificar os limites da formação inicial ou continuada do professor de Ensino Fundamental para a prática de ler/narrar histórias no espaço escolar.

Especificamente, esta pesquisa visa: verificar a existência da prática de ler/narrar histórias na composição dos programas de curso de Letras; perceber da trajetória de uma “tradição negativa” pela concepção de uma mentalidade que não privilegia a arte de ler/narrar história no espaço escolar; reconhecer a relação que se estabelece com a arte de ler/narrar como prática cotidiana do professor do ensino fundamental e sua formação inicial ou continuada; relacionar a

intencionalidade, meramente voluntária, em oposição à tradição escolar, que isola ou apenas desconsidera a força pedagógica desta prática.

Os Caminhos Da Pesquisa

Os pressupostos metodológicos que estão desencadeando a pesquisa requerem aspectos mais qualitativos do que quantitativos, e estão servindo de base descritiva, a fim de definir uma forma de registro que garanta traçar os aspectos significativos fundantes da problematização posta pelo projeto.

A pesquisa é de natureza explanatória, delineada por estudos bibliográficos e documentais, com ementas de cursos e projetos político-pedagógicos, tomadas de depoimentos de coordenadores de curso, professores e alunos do curso de Letras, professores do ensino fundamental de escolas públicas e privadas. A pesquisa qualitativa tem proporcionado a verificação do lugar da arte de ler / narrar histórias no espaço escolar, nas universidades e na prática dos educadores com depoimentos coletados e analisados após a revisão de literatura na área.

A abordagem teórica está fundamentada pelos autores Nelly Novaes Coelho, Betty Coelho, Celso Sisto, Fanny Abramovich, Lúcia Pimentel Góes, Vânia Maria Resende entre outros ensaístas e literatos que discutem a importância da literatura infantil e juvenil no espaço escolar.

A referida pesquisa está em fase inicial de realização não podendo no momento constar de resultados conclusivos. Porém, os procedimentos têm avançado quanto à organização da estrutura da pesquisa, estruturação do projeto, levantamento das questões para tomadas de depoimentos, em gravação e transcrições, coletânea dos documentos acadêmicos, como currículos e ementas para posterior análise comparativa, e registro dos fichamentos e levantamento bibliográfico para fundamentação da pesquisa.

Referências:

LDB 9394/96

MARCELO GARCÍA, Carlos. Formação de Professores: para uma mudança educativa. Porto: Porto, 1999, p.17-30.

MARQUES, Mário Osório. A Formação do Profissional da Educação. 3 ed. Ijuí,

RS: UNIJUÍ, 2000.

TARDIF, Maurice. Saberes Docentes e Formação Profissional. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 325 p.

CONTRERAS, José. Autonomia de Professores. São Paulo: Cortez, 2002. 296 p.
BETTLELHEIM, Bruno. A psicanálise dos Contos de Fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. COELHO, Betty. Contar história - uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1991.

JESUALDO. A literatura infantil. São Paulo: Cultrix, 1978.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura infantil: teoria e prática. São Paulo: Ática, 1989. AMARILHA, Marly. Estão mortas as fadas? Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

CAVALCANTI, Joana. Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.

SISTO, Celso. Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias. Chapecó-SC: Argos, 2001. SERRA Elizabeth D'Angelo (org). Ética, estética e afeto na literatura para crianças e jovens. São Paulo: Global, 2001.

DIECKMANN, Hans. Contos de fada vividos. São Paulo, 1986.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

PAULINO, Graça. O jogo do livro infantil: textos selecionados para formação de professores. Belo Horizonte: Dimensão, 1997.

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2001. GOÉS, Lúcia Pimentel. A aventura da literatura para crianças. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

RODARI, Gianni. Gramática da Fantasia. São Paulo: Summus, 1982.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira: história e histórias. São Paulo: Ática, 1988.

COELHO, Nelly Novaes. O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos. São Paulo: DCL, 2003. RESENDE, Vânia Maria. Literatura infantil e juvenil: vivências de leitura e expressão criadora. São Paulo: Saraiva 14993.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Ieskov. In. Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

KRAMER, Sônia. Educação e linguagem. In. Por entre as pedras: arma e sonho

na escola. São Paulo: Ática, 1998.

SACRISTAN, J. Gimeno. Poderes instáveis em educação. Porto alegre: Artes Médicas Sul, 1999. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais - Ciências: Brasília, MEC/SEF, 1997.